

ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA

**UM DIPLOMATA FARENSE:  
AMADEU FERREIRA D'ALMEIDA**

*pelo Académico Correspondente*

Prof. JOSÉ ANTÓNIO PINHEIRO E ROSA

SEPARATA  
DE «A DIPLOMACIA NA HISTÓRIA DE PORTUGAL»

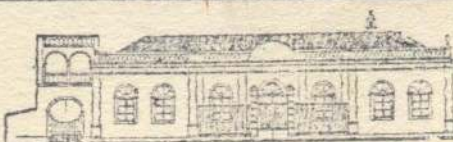


LISBOA



MCMXC

Museu do Trajo  
São Brás de Alportel  
Centro de  
Documentação



Casa da Cultura António Bentes  
S. Brás de Alportel

**Biblioteca**

Inv. N.º 2425

Cota N.º 3-5

*Handwritten notes:*  
3-5  
AR-5

ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTORIA

IN DIPLOMATE PARISIENSE  
MAGISTRE PIERRE D'ALMEIDA

As Padre Leonel,  
com a uniãõ de mãos dadas de  
acord e que durará "in quantum est de lumine de vidi"  
e "per omnia saecula saeculorum". Amen!

Janeiro de 1992  
João Antonio de Almeida

ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA

**UM DIPLOMATA FARENSE:  
 AMADEU FERREIRA D'ALMEIDA**

*pelo Académico Correspondente*

Prof. JOSÉ ANTÓNIO PINHEIRO E ROSA

SEPARATA  
DE «A DIPLOMACIA NA HISTÓRIA DE PORTUGAL»



LISBOA



MCMXC



UM DIPLOMATA FARENSE:  
AMADEU FERREIRA D'ALMEIDA

pelelo  
Académico Correspondente  
Prof. JOSÉ ANTÓNIO PINHEIRO E ROSA

A) O FARENSE

O termo n.º 193 do registo de baptismos da freguesia da Sé de Faro, de 1876, atesta que a 18 de Dezembro desse ano, na igreja paroquial da Santa Sé da cidade de Faro, o Cónego Reitor Bento de Mendonça Marques baptizou solenemente um indivíduo do sexo masculino a quem deu o nome de Amadeu, que na mesma freguesia nasceu pelas quatro horas e meia da manhã de 27 de Novembro do referido ano.

Filho de quem? Do Doutor Narciso Maximiliano de Carvalho, Delegado do Procurador Régio da Comarca de Loulé, e de Dona Maria Teresa Ferreira d'Almeida, «que se emprega no governo doméstico». O pai era natural de São Cristovão de Mondim de Basto, no Arcebispado de Braga. De lá viera servir na Comarca de Loulé. De Loulé vinha muitas vezes a Faro e em Faro conheceu a filha mais nova do Dr. Manuel Joaquim d'Almeida, prestigioso advogado e abastado proprietário, que de Aveiro viera ligar-se pelo casamento a uma descendente da família Ramalho Ortigão, em Faro radicada havia mais de um século. Menina das mais prendadas na pequena cidade, o Dr. Carvalho apaixonou-se por ela e com ela casou na Sé de Faro, em 1876.

O avô materno era personagem marcante na sociedade farenses. Natural de Eixo (Aveiro) veio como advogado para Faro, onde casou com

D. Maria Clementina Ortigão Ferreira, (pertencente por sua mãe à família Macedo Ortigão), de quem teve quatro filhos: José Bento, Manuel, Rosa e Maria Teresa. Pelo seu porte, cultura e faculdades de trabalho, o Dr. Manuel Joaquim d'Almeida conquistou situação de relevo. Foi um dos organizadores da Companhia de Pescarias do Algarve e fundador ou pelo menos grande accionista da Balsense, de Tavira.

Além da sua profissão de advogado era o Agente do Banco de Portugal no Algarve. Foi Governador Civil de Faro com o Partido Progressista, de 4 de Março de 1886 a 6 de Maio do mesmo ano. Faleceu aos 72 anos, de uma febre cerebral, tendo sido grandioso o seu funeral e ficando a repousar no cemitério da Esperança, em Faro, no jazigo à direita ao chegar à capela, junto da esposa falecida em 1876.

A mãe — D. Maria Teresa Ferreira d'Almeida, era a mais nova das filhas do Dr. Almeida. Sabia francês e cantava acompanhando-se ao piano. Foi menina bonita e brilhava nos bailes do clube e nos concertos do Lethes.

Uma vez casada, quando chegou a sua hora, embora a mãe já lhe tivesse morrido, D. Maria Teresa veio para a casa paterna — a que forma o quarteirão poente da Praça Ferreira d'Almeida, em Faro — onde já tinha nascido o *grande homem* da família — o assomadiço e notável homem público José Bento Ferreira d'Almeida — para que aí viesse ao mundo o primeiro rebento da nova çamada. Amadeu perdeu-a quando ela tinha 72 anos. Estava ele em Copenhague, onde os amigos promoveram uma missa com música sacra e igreja ornada com flores. Assim que teve o túmulo de Faro terminado, trasladou-a para lá — túmulo esse construído pelo Mestre Tomás Ribeiro, que ainda conheci.

O pai, grande jogador de cartas (coisa que o filho detestava) de Loulé, foi promovido a Juiz de Santiago de Cacém, para onde Amadeu e sua mãe não foram.

Quando em Lisboa, o Dr. Carvalho era frequentador do palacete de José Luciano, o que justifica ter sido escolhido para Governador Civil de Ponta Delgada. Daí lhe derivou a categoria de Conselheiro quando deixou o lugar. Em 1897, foi Juiz para a Horta. Uma semana depois lá morreu, inesperada e ingloriamente, de um volvo, com 48 anos.

A casa onde o nosso diplomata nasceu e onde já nascera o tio ministro, ficava e ainda fica, enquanto a incúria dos homens não a deixar cair, no então Terreiro da Cadeia Comarcã, que lhe ficava em frente,

hoje com o nome de Praça de Ferreira d'Almeida, constituindo todo o quarteirão poente.

A infância e juventude de Amadeu Ferreira d'Almeida foram acidentadas. Até aos quatro anos, vivia em Loulé, donde a família vinha a Faro aos fins de semana, voltando na segunda-feira (também viera a Faro para *nascer* na casa do avô!). Por essa altura caíu por uma escada de pedra lascando um dente, andou na escola da Sra. Josefa Perna, onde aprendeu a pregar botões e a ler pelo método do B, A — Ba, do que se ressentiu toda a vida — confessa num dos seus livros. E foi salvo dum lacrau por um gato preto, o que o fez ficar gostando desses animais.

Em Faro, o avô levava-o às procissões e às novenas do Carmo. Foi ele quem dirigiu a sua educação de menino, ensinando-o a estar à mesa e a ser limpo e elegante.

Viveu com os pais quatro anos no Palácio da Conceição em Ponta Delgada. Foi durante esta estadia que, brincando com um barco no lago do palácio, escorregou nos limos e deu um mergulho, que lhe podia ser fatal, se o jardineiro o não tivesse salvo.

À volta dos Açores, frequentou em Faro o Colégio Mendonça, o melhor do tempo, na Rua Conselheiro Bivar, na casa onde hoje está o Círculo Cultural do Algarve. Em Faro fez o exame de instrução primária, com distinção. Conforme a vida fareense em 1888, no verão iam em barcos com toldo às Quatro-Águas tomar banho. Aos domingos iam infalivelmente à missa das 11 na Misericórdia e dali à Alameda, ponto de reunião da sociedade até à 1 hora. Durante a semana, à noite havia partidas de jogo e chá, para homens e senhoras separadamente, em casa dos primos Bivar, Pantoja e Pires, estes por cima da farmácia onde às vezes desciam para ver preparar a tisana do Sr. Assis para a Casa da Saúde.

Quando o avô faleceu, passou a viver numa casa da Rua do Pé da Cruz, julgo que aquela onde mais tarde morou Jerónimo Bivar Weinholtz.

Estava no 7.º ano do Liceu, quando o pai faleceu na Horta. Terminado o Liceu em 1897, foi para a Universidade de Coimbra. E foi porque... providencialmente, falhou o emprego que pedira ao Tio e este lhe arranjava. Logo que acabou o curso liceal, o tio, ministro da Marinha, nomeou-o 1.º Oficial da Alfândega de Luanda. Como não partisse no primeiro vapor, ele e mais seis, apareceu no Diário do Governo uma portaria demitindo-os... Foi mesmo a tempo de se matricular na Universidade, segundo o desejo do pai e do avô. «Foi a maldade ministerial que

me fez diplomata e ministro — dizia ele. Se fosse para África, teria morrido...».

As posses não eram muitas, mas a mãe vendera ao irmão a metade do prédio e a da Quinta do Alto... Com esses dinheiros e algum rendimento das pescarias de Tavira, iriam custear as despesas dos estudos universitários.

Vindo a férias de Coimbra para Cascais, foi aí salvo na praia pelo Rei D. Carlos, a cujos ombros se agarrou. Quando mandou agradecer ao Rei, este mandou-lhe dizer que, para a outra vez, cortasse primeiro as unhas. Ferreira d'Almeida arranhara o Rei! Comentário dum estadista: «Este diabo fez o que ainda republicano nenhum conseguiu! Agatanhar o Rei!».

Com negação para a música (apesar de ter ouvido) em Coimbra dedicou-se ao teatro, representando papéis de rapariga por ser louro e imberbe. Aí está porque Afonso Lopes Vieira, na dedicatória de um dos seus livros, que está na Coleção de Faro, lhe escreveu: «À ilustre “bailarina” Amadeu Ferreira d'Almeida...» É que, no Centenário da Sebenta, em 1899, fez de bailarina no Bailado das Horas.

Era um moço morigerado. Não fumava, nem bebia, nem jogava...

Em jovem, usou bigode, louro e maleável, como o pai. Também no Rio de Janeiro. Em Londres um dia, num chá, uma linda rapariga cortou-lhe metade do bigode, e ele, por galanteria, pediu-lhe que lhe cortasse a outra metade...

Dedicou-se ao desporto da bicicleta, onde foi conhecido pelo «campeão... das descidas». Ganhou várias medalhas, que estão na Coleção de Faro.

Era franzino e linfático. Fortaleceram-no com óleo de fígado de bacalhau. Em 1850 nada se sabia de vitaminas mas aquele óleo era um fortificante.

Durante toda a vida procurou não engordar. Comia almoços abundantes, mas jantares muito fracos. Tomou a resolução de ter sempre o espírito ocupado e a de nunca se zangar ou irritar.

Em Coimbra vivia com a mãe. Concluído o curso em 1902, foi nomeado subdelegado para o Seixal mas com ela fixou residência em Lisboa, na pequena rua de S. João da Mata. Ia passar férias a Paris e lá ficou em 1904 a estudar na Sorbonne Direito Internacional.

Em 1906 entrara na carreira diplomática, como explanarei na segunda parte deste trabalho.

Recordação permanente deste ilustre filho de Faro, benemérito da cidade, como veremos, é o jardim existente na Praça Alexandre Herculano, e, nesse jardim, o monumento, inaugurado em 17 de Abril de 1954, tendo como motivo principal um busto em bronze da autoria do grande escultor dinamarquês Rudolph Tegner.

Este farenses, bastante apreciador do belo sexo, só veio a casar em 1928 (o pedido de licença ao Ministro é de 30 de Outubro desse ano) com uma filha do conhecido clínico Dr. Ricardo de Lemos e Castro e de D. Lúcia Tavares de Castro. Curioso que o requerimento não menciona o nome da noiva, nem eu nunca o soube, pois, nos apontamentos da colecção, o Dr. Amadeu trata-a sempre por «Madame Ferreira d'Almeida». Aliás há na colecção um busto em bronze e dois retratos em pintura dessa senhora. Casado já numa idade madura (com 52 anos), apesar de citar muito o provérbio espanhol «até aos quarenta anos cresce-se e depois encolhe-se», Ferreira d'Almeida não foi feliz na sua união e acabou por se divorciar.

A presença imortal deste farenses ilustre está ali na Praça Alexandre Herculano, no jardim com que, em seu dizer, *o presenteou* a Câmara da presidência do Coronel Pereira Milreu, concretizada num busto brônzeo da autoria de Rodolph Tegner sustentado por um pedestal devido a um grupo de bons amigos, que lho mandaram erguer e o inauguraram solenemente em 1952.

Se uma das provas do seu amor à terra natal foi a oferta da valiosa colecção de Arte, que tem o seu nome, outra foi a de auxílio aos seus conterrâneos que o necessitavam. Testemunha disto uma sua carta, que me dirigiu em 13-IX-57 (e peço desculpa de apresentar um caso pessoal, mas é o que melhor conheço): «Não imagina o prazer que me deu a sua carta, não só por ver que lhe fizeram justiça, mas porque ainda há juízes em Portugal corajosos, porque por uma decisão assim contra o Governo já aquele tribunal foi dissolvido!» (Tratava-se do Supremo Tribunal Administrativo). «Gostei imenso, foi desumano o despacho anulado agora, indignado mesmo, tratando-se duma família a quem quiseram roubar a subsistência! O nosso comprovinciano Conselheiro Sousa Carvalho, um homem de coração, é um grande algarvio de que devemos orgulhar-nos. Já lhe escrevi agora, felicitando-o por este belo resultado».

Eu fizera um recurso administrativo. Pedira auxílio a Ferreira d'Almeida, que me respondera «Não ser *persona grata* do regime então vigente» mas que me indicou o Homem que fiquei a considerar meu segundo pai,

pois me guiou em todo o assunto, facilitando o desfecho final, que me permitiu singrar no caminho da vida, corajosamente encetada.

Também fiquei grato ao conterrâneo Ferreira d'Almeida, que mo descobriu.

De bom farensense foi ainda a ideia, nem por todos bem compreendida, de erigir o seu túmulo monumental no cemitério da sua terra. Uma maneira de a engrandecer, pelo monumento em si e por encerrar os restos mortais de um filho que a honrou e engrandeceu tanto como o Tio e o Avô. Ali repousam, desde Novembro de 1966, pois foi a 7 desse mês que em Lisboa faleceu.

## B) O DIPLOMATA

Para esta parte do meu trabalho serviram-me de fontes: a Enciclopédia, artigos de jornais, notas autobiográficas do Dr. Ferreira d'Almeida colhidas nos seus livros. Tive o privilégio de tudo confrontar com o processo do diplomata meu conterrâneo, que me foi facultado por outro distinto conterrâneo, o Senhor Embaixador António Cabrita Matias, Vice-Secretário-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros, a quem renovo, neste lugar, os meus profundos agradecimentos, não só por esta concessão mas pelas gentilezas com que me acolheu.

Segundo sua confissão, Ferreira d'Almeida entrou na diplomacia só com um fito: viajar. «os ministros dos Estrangeiros sabiam que estavam sempre prontos a partir, fosse para onde fosse».

Começou a carreira diplomática como adido de legação em Madrid. Nessa qualidade, acompanhou a embaixada extraordinária chefiada pelo Príncipe Real D. Luís Filipe, que foi assistir ao casamento do Rei D. Afonso XIII. A primeira vez que viu de perto o Rei foi na Tourada Real dos festejos do casamento, festa de imponência indescritível. Os camarotes dos Embaixadores ao casamento eram junto da tribuna real, estando naturalmente os Embaixadores na primeira fila e ele na última com outro colega, o que lhe dava a máxima liberdade de observação sem parecer indiscreto ou atrevido. Existe na Coleção de Faro ementa do jantar de gala do casamento. Dessas festas trouxe Ferreira d'Almeida a sua primeira condecoração: Cavaleiro de Carlos III.

Em 1907, foi mandado prestar serviço no Gabinete do Ministro, em Lisboa. Tendo passado a sua licença em Londres, «frequentou a legação

portuguesa daquela cidade encarregando-se voluntariamente de trabalhos de cópia e de registo, com zelo, aptidão e inteligência, a ponto de o Marquês de Soveral mandar dizer ao Ministro Wenceslau de Lima que «os serviços do Dr. Ferreira d'Almeida ali prestados lhe tinham agradado e deveras satisfeito». Talvez isto lhe tivesse valido ser nomeado segundo secretário de Legação em 6 de Abril de 1909, conservando-se lá até 15 de Fevereiro de 1913. Em 16 de Dezembro declarava o Marquês de Soveral que ele «se tinha tornado, no desempenho das suas funções, digno do maior louvor».

Estava, pois, em Londres, à data da proclamação da República. Tendo o Marquês de Soveral apresentado a demissão, ouvido o Rei Eduardo, aconselhou-o e aos colegas a continuarem nos seus postos por não terem ligações pessoais com a corte inglesa ou com a ex-corte portuguesa. De Lisboa pediram-lhe que assinasse uma declaração de que respeitava as novas instituições. Nunca se inscrevera em partido algum. «Decisão precipitada prejudicial ao futuro da sua carreira» — considerava ele. Por falta de apoio político e de impulso oficial e por posterior influência maldosa do Sr. Teixeira de Sampaio, não subiu quanto podia, mas, em compensação, «teve em Londres e na força da juventude, os mais felizes e inesquecíveis anos da sua vida».

Ainda em Londres, coube-lhe a missão de acompanhar a Portugal uma excursão de escritores e jornalistas ingleses que visitou o nosso País em Fevereiro de 1913 e teve no Algarve e sobretudo em Faro uma entusiástica recepção.

Logo a seguir, já como 1.º Secretário, foi colocado no Rio de Janeiro. Dessa cidade foi a Buenos Aires representar Portugal nos festejos celebrados por motivo da assinatura do Tratado de Amizade de A. B. C., em 18-V-1915.

Quando chegou ao Rio de Janeiro foi recebido pelo 2.º Secretário, que representava o Dr. Bernardino Machado, nosso Ministro no Rio, e por toda a Direcção do Grémio Republicano Português do Rio de Janeiro. Li um autógrafo daquele Ministro, de 1 de Janeiro de 1914, dizendo que o Dr. Ferreira d'Almeida desempenhou o cargo de 1.º Secretário com muita competência e muito zelo, cooperando dedicadamente com ele para a união da nossa colónia e estreitamente das nossas relações com a República Brasileira. E ficou Encarregado de Negócios interino na ausência daquele diplomata.

Ferreira d'Almeida foi para diplomata para viajar. Mal sabia ele que os diplomatas, por vezes, viajam mais do que desejariam, pois são uma espécie de teclas dum piano que os Senhores Ministros dos Negócios Estrangeiros *tocam* a seu belo prazer... É um facto que observa quem *espreita* o movimento diplomático. Se, apesar de alguém ter chamado ao Ministério dos Negócios Estrangeiros de então «um alguidar de lacraus», em geral os funcionários eram correctos, o mesmo não sucedia com os Ministros titulares da pasta, que, a maior parte das vezes, não eram diplomatas.

Sempre achei estranho que, para chefiar embaixadas e mesmo legações seja necessário um concurso, e, para chefiar toda a diplomacia do país baste a bagagem política de qualquer ilustre preopinante, que nunca tenha lido uma nota diplomática.

Em Junho de 1914, tendo Ferreira d'Almeida pedido transferência para Paris ou Londres, o Ministro transferiu-o para a legação de Portugal em Berlim. Mas, afinal, mandou estar mais algum tempo no Rio. Ali estava em Dezembro continuando encarregado de negócios, como Bernardino o deixara.

A meio desse ano constituia-se em Paris uma comissão franco-portuguesa, com carácter oficial, para erigir uma estátua a Camões naquela capital. Almeida obteve vários milhares de escudos que mandou à Comissão. Em Paris o pintor Calvet de Magalhães desenhou-o em graciosa caricatura — Camões a abracá-lo e beijá-lo. Ao lado, um saco com dinheiro. Título: «a gratidão do Poeta». Esta caricatura encontra-se na Colecção.

Noticiou-se que a estátua fora inaugurada. Mas, quando Ferreira d'Almeida foi a Paris, não a viu. Era de gesso pintado a fingir de bronze e... estava numa arrecadação municipal...

Em 1915 insistiu para que o trasferissem para Paris ou mesmo para Londres. O Ministro, Prof. Duarte Leite, que nele tinha confiança ilimitada, a ponto de assinar sem ler todas as notas e ofícios que Ferreira d'Almeida redigia, informava que o requerente «tinha ali prestado relevantes serviços aos mais desprotegidos da Colónia Portuguesa... e sem prejuízo do serviço público, a que dedicava o maior zelo e interesse...».

Pretende ir para Paris, mesmo até pelo estado de guerra que ali reina. Mas o Ministro faz orelhas moucas, embora o distinga mandando-o representar Portugal às festas do 105.º aniversário da proclamação da República Argentina.

Até que, em Outubro, chega a ordem de ir prestar temporariamente serviço na Legação de Londres.

Vai lá encontrar como chefe Manuel Teixeira Gomes, com quem não se entendeu. Nos livros desse escritor, que se encontram na Colecção, o editor, na dedicatória, dá a entender que havia qualquer coisa entre eles, o que me despertou, a curiosidade. Percorri os volumes todos e encontrei, sublinhadas a tinta vermelha, pelo próprio Ferreira d'Almeida, referências desagradáveis. Também, nos seus escritos, este faz amargas queixas e diz que foi o pior chefe que teve.

Velho amigo como sou duma das filhas de Teixeira Gomes e de seu neto José Manuel Pearce de Azevedo, abstenho-me de abordar tal assunto, tanto mais que, oficialmente, encontrei ofícios do antigo Presidente em que lembra ao Ministério o atraso do vencimento do seu 1.º Secretário de legação e outros semelhantes, que não revelam má vontade.

Mas... a 29 de Maio de 1916, por conveniência de serviço, Ferreira d'Almeida é mandado desempenhar as suas funções na Legação da Haia. Na Haia, conforme o testemunho do seu chefe, «deu as melhores e mais evidentes provas de actividade e inteligência». E, embora o seu lugar fosse na Legação de Berlim, em Março de 1917, mandam-no para a Legação de Madrid. É já aí que recebe uma referência muito elogiosa pelo auxílio dado no Rio aos representantes do B. N. U., quando instalaram várias dependências no Brasil.

Sendo Encarregado de Negócios em Madrid, o Dr. Bernardino Machado, seu amigo e na altura Presidente da República, passou por S. Sebastian e o Rei de Espanha, querendo prestar-lhe todas as honras, chamou Ferreira d'Almeida para lhe perguntar se o hino que iam tocar era o da República, porque na primeira visita oficial depois da implantação desta, uma banda espanhola rompera com o hino da Carta.

Foi nesta ocasião que apadrinhou o Infante D. Afonso, irmão de D. Carlos. Como se sabe, ele fora para Roma com a mãe. Casou lá em 1913. Mas, para que o casamento tivesse efeitos em Portugal era indispensável legalizá-lo perante as nossas autoridades. Um dia em que o casal se encontrava em Madrid, perante o Cônsul de Portugal lavrou-se o respectivo registo, sendo testemunhas o Dr. Augusto de Vasconcelos e o Dr. Ferreira d'Almeida.

Esteve em Madrid até 1918, em que Sidónio Pais, que lá o tinha posto, o chamou para Lisboa, dando-lhe um cargo apagado no Ministério, a fim de colocar em Madrid o seu amigo Vasco de Quevedo, servindo de motivo o facto de Ferreira d'Almeida ter comunicado por *ofício* ao Ministério a má impressão causada na Embaixada de França por não ter

sido concedido ao Dr. Bernardino Machado, a caminho do exílio, o Passaporte Diplomático a que lhe dava direito a sua qualidade de Chefe de Estado e Embaixador.

Durante esta permanência em Madrid, recebeu um dia de Sidónio Pais uma ordem militarmente transmitida: «Vá imediatamente dizer ao Rei de Espanha o seguinte»: e seguia o assunto. Como não era protocolar um simples encarregado de negócios dirigir-se ao Rei, procurou resolver o problema, recebendo-o Afonso XIII, como «um estrangeiro de distinção». O assunto foi tratado. Ferreira d'Almeida fez três relatórios, entregou dois a Sidónio Pais e um ao ministro que entretanto chegou e foi o Doutor Egas Moniz. Vai para a Holanda e começa a receber cartas misteriosas. O tal assunto, ultra-confidencial, tinha sido posto a circular por um funcionário do Ministério, que pouco tempo depois foi demitido, sem que a dignidade de Ferreira d'Almeida tivesse sido atingida. Todavia, nas suas memórias, ele chamou-lhe «um aparatoso fracasso diplomático».

Em 3 de Fevereiro de 1919 toma a gerência de negócios da Legação da Haia. Um decreto de 4 de Junho desse ano concede-lhe as honras de «Conselheiro de Legação».

Para retribuir os convites das Legações dos Estados Unidos, França e Inglaterra, que celebraram as suas festas nacionais e a assinatura da Paz, promoveu festas idênticas, em 5 de Outubro. Convidou para um banquete no Hotel das Índias os representantes das nações aliadas e suas esposas, seguindo-se uma recepção, ceia e baile na Legação de Portugal, cujas salas fez decorar. Festa elegante, *paga pelo seu bolso particular*, para honrar as tradições da nossa nacionalidade.

Julgo ser a altura de referir *o grande papel que este nosso diplomata exerceu na aceitação da República Portuguesa junto de países que ainda não tinham relações diplomáticas com Portugal e junto de monarquias, que olhavam a jovem república com desconfiança. Ferreira d'Almeida, que aprendera na escola do Marquês de Soveral, soube fomentar as melhores relações do seu país com essas nações.*

No ano seguinte, 1920, é transferido para a Legação de Estocolmo e logo a seguir Encarregado de Negócios em Copenhague.

Em 1921, teve um incidente com o Ministro Domingos Pereira. Para lhe mostrar que era um verdadeiro diplomata, narra-lhe que se realizara o primeiro banquete diplomático dado pela corte da Dinamarca depois da guerra seguido de «Cercle Diplomatique» no palácio de Amalemborg. A Rainha-Mãe também dera uma grande recepção para a qual fora con-

vidado o Corpo Diplomático e a que se seguiu uma ceia. Ferreira d'Almeida representara o Governo da República, o que acontecera pela primeira vez neste país e como tal recebra os cumprimentos pessoais dos membros da família real.

Em Fevereiro de 1923, o Ministro da Marinha V. H. de Azevedo Coutinho oficiou ao dos Estrangeiros para lhe dar conhecimento dos «importantes serviços prestados pelo Encarregado de Negócios em Copenhague nas negociações para a entrada de Portugal no Conselho Permanente Internacional para a exploração do Mar, onde conseguiu uma menor quotização a pagar pelo Governo Português, por ocasião das duas últimas reuniões daquele Conselho, na primeira das quais distintamente representou o Governo da República e na última tantas facilidades e tantas atenções obteve à Delegação Portuguesa». Os agradecimentos foram transmitidos.

É nesse ano que entrega credenciais ao Rei da Dinamarca e assina um acordo comercial com a Islândia.

Setembro de 1925 marca um incidente com o Ministro Vasco Borges. Este suspendeu-lhe a missão em Copenhague e mandou-o regressar a Estocolmo. Depois ofereceu-lhe a Repartição do Protocolo. Depois ainda o Secretariado da Legação no Quirinal. Por último, o decreto de 21-X-1925 transferiu-o para Berlim, onde receberia instruções sobre uma missão proposta pela Estónia.

Em 5 anterior, Ferreira d'Almeida, no banquete do aniversário da República com setenta convivas, despediu-se, o que causou grande surpresa, logo manifestada em discursos afectuosos do Decano do Corpo Diplomático, dum representante dos Artistas, dum Camarista do Rei e de representantes da Ciência e Jornalismo. No dia seguinte, todos os jornais lamentavam a sua saída.

Em Berlim, Vasco Borges meteu-se com ele outra vez, porque não tinha recebido o discurso do Chanceler do Reichstag. Almeida brande-lhe de lá a sua apresentação ao Sr. Stressman, seu carácter jovial e os vinte minutos deliciosos da entrevista.

É nesta Legação que conhece o seu «colega» Pacelli, de quem ouviu um discurso que o empolgou e a quem vaticinou que seria Cardeal e Papa. E que, se um dia o fosse, lhe daria uma Bênção especial para a hora da morte. Pacelli veio a ser Pio XII. Ainda recebeu Almeida. E deu-lhe a Bênção autografada por sua própria mão. Ela acompanhou a urna do velho diplomata à sua sepultura e lá está na Colecção.

A 10 de Maio de 1926, é promovido a Chefe de Missão de 2.ª classe, e nomeado Chefe da Repartição da Administração Consular.

Sentia eu grande curiosidade de ver como Ferreira d'Almeida se tinha dado com a gente do «28 de Maio».

Parece-me que com normalidade e, pelo menos, sem atritos. Em Dezembro de 1926, é colocado como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário em S. Tiago do Chile, posto que fora criado em Setembro. A credencial que apresentou foi-lhe passada em nome do General António Óscar de Fragoso Carmona.

Em conformidade com a Lei que criou a Legação do Chile, pretendeu ser acreditado na Bolívia, Peru e Equador, para os quais apresentou largos planos. Betencourt Rodrigues travou-lhe os voos: «Aguarde-se melhor oportunidade... Circunstâncias actuais — tesouro aconselham economias».

No 17.º aniversário da proclamação da República, houve em Santiago uma velada literário-musical, que o diplomata realizou *sem* o subsídio solicitado. Dezanove folhas de recortes de jornais dão bem a conhecer e repercussão que a festa teve. Apesar disso, com a sovínice dos anos 28, a Legação do Chile foi suspensa e Ferreira d'Almeida teve de voltar a funções no Ministério, depois de ter comunicado o facto ao respectivo Governo «em termos amáveis», como lhe aconselhava o Ministro.

Em 1929, no exercício das funções de Chefe do Protocolo do Ministério, acompanhou a Espanha o General Ivens Ferraz, Presidente do Conselho, que foi encontrar-se na fronteira com o General Primo de Rivera.

Mas para o Chile voltou em 1931 e lá se conservou até 1933. «Fui por duas vezes — escreveu — Ministro em Santiago, de onde trouxe as mais gratas recordações — é um país encantador, muito mais acolhedor do que por exemplo a Argentina».

A seguir foi nomeado para idêntico lugar em Oslo e Copenhague, onde permaneceu até 1939, donde se deslocou a Praga para negociar o Primeiro Tratado de Comércio que ligou Portugal à Checoslováquia. E nessas funções de Copenhague atingiu o limite de idade, passando à disponibilidade e à reforma.

A par destas funções diplomáticas específicas, exerceu o meu Conterrâneo outras paralelas de propaganda do nosso país, as quais continuou durante toda a vida, enquanto as forças lho permitiram.

Em 1920, a literatura portuguesa era totalmente desconhecida nos países escandinavos. Almeida relacionou-se com pintores, artistas e jorna-

listas, encontrando a curiosidade do poeta e dramaturgo Sophus Michaelis, então Presidente da Academia Dinamarquesa. Este pediu-lhe uma peça portuguesa. Levou-lhe a «Ceia dos Cardeais» de Júlio Dantas. Michaelis traduziu-a em verso e foi executada no Teatro-Real com assistência da família real. Teve mais de cem representações consecutivas e foi em *tournee* a todo o país, à Noruega, Finlândia, e ainda ao Sleswig na Alemanha. E teve edição de luxo.

Publicou em 1923 cinquenta sonetos portugueses e brasileiros, traduzidos por um poeta, com prefácio dele.

Na Inglaterra realizou conferências públicas em inglês (com projecções) sobre Portugal, seus monumentos e a significação destes na história e na literatura. Títulos: «As descobertas dos Portugueses contadas pelo seu Poeta nacional — Camões», ou «Camões, sua vida e obra». Feitas nas grandes festas da Inglaterra ou em Sociedades Literárias e Universidades.

O «Século» de 27 de Janeiro de 1913 e o «Mundo» de 21 trazem notícias de tais conferências, assim como vários periódicos de Londres. Também «O Algarve» de 18-V-1913 traz um artigo, acompanhado de retrato, sobre a acção do nosso conterrâneo no Rio, salientando a sua protecção aos emigrantes.

Citarei uma importante conferência de Ferreira d'Almeida na Sociedade de Geografia de Copenhague em 1926, perante uma assistência escolhida que enchia o salão muito mais vasto que o da nossa. Falou hora e meia sobre «Portugal e a sua missão civilizadora na história»; aproveitando para frisar bem todos os nossos serviços à navegação, ao comércio, à civilização, à colonização e à cristianização do mundo. Marcou bem a nossa situação como nação colonial e a acção da República nas nossas colónias, dizendo também que as guardaríamos sempre não só como relíquias das glórias passadas mas também porque as obtivemos não pela guerra ou pela compra, mas pela única maneira nobre e elevada — a descoberta e a primeira posse.

Por esta conferência, foi-lhe entregue o diploma de Membro de Honra daquela Sociedade e poucos diplomatas foram jamais tratados como ele neste país.

Depois da conferência foi-lhe oferecida uma ceia no Hotel Phœnix, presidida pelo almirante Wande, de 80 anos, a que assistiram toda a Direcção, vários professores, a Legação do Brasil e outras personalidades.

Repetiu a conferência em importantes cidades.

Para se ver a simpatia e popularidade que o nosso diplomata atingiu nestas nações, transcrevo apenas passagens dum artigo de jornal de Copenhague: «Há grande desassossego nos corações das raparigas e no seio dos poetas. D'Almeida chega hoje a esta capital... Segundo a tradição, um diplomata é um cavalheiro glacial e egoísta, que com calma vê as nações precipitarem-se nas guerras e revoluções — mas d'Almeida não é assim. O seu coração é oiro no ponto de fusão. Ele ama o país em que foi colocado, ama as suas mulheres, ama os seus artistas — e se dependesse dele o mundo seria um jardim de rosas, onde belos poetas ricamente vestidos declamariam harmoniosas poesias às belezas loiras e atraentes. É pois estranho que a cidade chorasse quando ele partiu? É para admirar que ela rejubile agora quando ele volta — nem que seja apenas para uma conferência na Sociedade de Geografia? Ah! Houvesse muitos diplomatas da envergadura de d'Almeida e nós teríamos alcançado a paz eterna — não! o terno idílio!».

Poderia citar dezenas de provas desta acção diplomática secundária, que Ferreira d'Almeida não terminou com a sua aposentação. Pela palavra falada e escrita ele continuou até à morte a ser o representante de Portugal em toda a parte onde se encontrava.

### C) O ESCRITOR

Não podemos colocar o Dr. Ferreira d'Almeida, como escritor, ao lado de um Camilo, de um Eça ou de um Aquilino. Todavia temos de concordar que foi dotado de esplêndidas faculdades de comunicação escrita e que a sua prosa, reflexo nítido da sua conversação, é agradabilíssima de ler e apreciar. Não vamos procurar nela a profundidade. Mas encontramos, sem o procurar, um agradável encanto.

O jornalismo foi uma faceta literária por ele cultivada durante toda a sua longa vida e começou-o cedo.

Enquanto esperava em Lisboa o concurso para secretário de Legação, efectuado em 1909, passou 1908 fazendo crónicas de sociedade para o «Diário Ilustrado». Nessa qualidade estava no Terreiro do Paço no dia do regicídio (1-2-1908) assistindo a algumas cenas que se seguiram e descreve numa das crónicas.

Também escreveu na «República» e no «Diário de Lisboa».

E foi um colaborador assíduo do semanário farense «Correio do Sul», neste até quase aos últimos dias da sua vida.

Não admira que Ferreira d'Almeida não tivesse sido um escritor *profundo*, pois ele «poucos livros leu». Por exemplo: dos 610 autores que citou no «Dicionário Excêntrico», confessa que não chegou a ler três livros!

Mas nem só lendo se aprende. E Ferreira d'Almeida com o seu poder de observação, com as recordações das suas viagens, com o seu «saber ouvir» exercitado nas inúmeras conferências a que assistia e com as emoções que a sua rica personalidade lhe fornecia, tudo isto servido pela sólida formação literária que as escolas secundárias davam nesse tempo (limitada mas sólida), estava apetrechado para poder *escrever*, isto é, transmitir aos seus semelhantes a sua mensagem, de modo a que eles a entendessem.

Nessa obra de envergadura, que o espírito superior de Mário Lyster Franco só teve tempo de começar a publicar — a «Algarviana» — vêm referenciados todos os livros de Ferreira d'Almeida. Não posso aqui mais do que enunciá-los:

*Campoamoriana* — 1917 — Primer Centenario — Pensamientos Poéticos de Campoamor — Escogidos y classificados por A. Ferreira d'Almeida — Diplomático Português Caballero de Carlos III — Madrid. Um belo artigo sobre Campoamor e versos escolhidos do Poeta.

*Kvindem Kaerlighe O. S. V.* — Kristiania. London. Berlim 1922

Compilação de algumas centenas de autores célebres sobre *Mulheres, Amor, etc.*

Júlio Dantas — *Kardinalernes Middag. A Ceia dos Cardeais* em tradução dinamarquesa.

*Portugiske og Brasianske Sonettes* — Copenhague — 1927. Traduzidos por Sophus Michaélis. Prefácio de Ferreira d'Almeida.

*Uma Página de la Historia Heroica de la Humanidade — La Grandeza de una pequeña Nacion — Portugal* por el Dr. Habib Estéfano, com um artigo de Ferreira d'Almeida. Santiago — 1928.

*Agostinho de Campos — Milagros de San Antonio — En el Cetenário de su muerte en Padua — 1231-1931* — Prefaciado, Editado e divulgado por Ferreira d'Almeida. Buenos Aires.

*Poetisas de Portugal — Conferência de Artur Vieira* — Santiago — 1931. Esta só editada por ele.

*Arthur Vieira — Legendas de Portugal — La lealdad patriótica — El sentimiento religioso — La fidelidad amorosa* — Conferência na dia de Camões — Santiago — 1932. Editado e prefaciado por Ferreira d'Almeida.

*Proyecto de la Nueva Constitucion Portuguesa — Traducción y estudio de Arthur Vieira* — Santiago — 1932. Promovida por Ferreira d'Almeida.

*El Alma Portuguesa — Conferencia por Tomas Gatica Martínez* — Santiago — 1933. Com carta de Ferreira d'Almeida.

*Joaquim Edwards Bello — Don Juan Lusitano — Ejercicios portugueses dedicados a los lectores de Eça de Queiroz* — Santiago do Chile — 1934. Com uma carta do Dr. Ferreira d'Almeida.

Tradução dinamarquesa das *Cartas de Soror Mariana* — Oslo — 1934. Prefácio do Dr. Ferreira d'Almeida.

É a intervenção de Ferreira d'Almeida numa polémica jornalística com o Prof. Fridtjor Isachuns, da Universidade de Oslo, sobre a naturalidade portuguesa de Colombo e o estudo de Peter van Yurich sobre a assinatura deste.

*Ekscentrik Lexikon Av A. Ferreira d'Almeida* — Oslo — 1938. Prefácio de Ferreira d'Almeida.

*Dicionário Excêntrico por Amadeu Ferreira d'Almeida Carvalho* — Lisboa — 1939. Com 2.<sup>a</sup> edição.

*Stevensoniana — Biografia do genial escritor escocês Robert Louis Stevenson seguida de trechos da sua obra seleccionada por Amadeu Ferreira d'Almeida* — Lisboa — 1945.

*Visão duma Lisboa mais bela* — Lisboa — 1947.

*Comunicações Internas — Separata do 1.<sup>o</sup> volume da Primeira Reunião Olissiponense, edição da Câmara Municipal de Lisboa* — 1948.

Uma das oito comunicações apresentadas pelo Dr. F. d'Almeida à mesma reunião.

*O Marquês de Soveral em Londres* — Lisboa — 1950.

*Recordando... — Memórias e impressões* — Faro — 1956.

Reproduz 67 artigos antes publicados no «Correio do Sul», de Faro, e mais sete que não foram insertos. Devo dizer que foi este livro uma das fontes mais abundantes para este trabalho.

*As mais belas catedrais da Itália* — Faro — 1957.

Publicado primeiro em artigos no referido semanário fareense.

*Escandinávia — Impressões, Citações e provérbios* — Faro — 1966.

Foi a última publicação do autor, já com 89 anos e que morreu pouco depois.

Diz Lyster Franco que, neste livro, o autor anunciava «mais duas obras que não chegaram a vir a lume, porque... morreu». Sobre isto posso dizer: Na última carta que me escreveu, por alturas de Junho desse ano, dizia-me que «desistindo de publicar o outro livro, que tinha em mente — “Algarviana: Poetas do Algarve” — propunha-me fazê-lo eu e... oferecia-me metade do custo da edição». Claro que vi logo a inexequabilidade do empreendimento (eu sabia que Lyster Franco tinha a sua «Algarviana» para publicar...) mas não lhe disse que não e sinto-me agora contente por ele ter morrido sem o desgosto dessa falha no seu programa de vida.

O «Recordando» é profusamente ilustrado. Tem um prefácio do Dr. Mário Lyster Franco, que conseguiu, por vezes, diplomaticamente, que a crítica do autor fosse menos acerba.

As duas divisas de Ferreira d'Almeida nele consignadas:

DUM VIVIMUS VIVAMUS!

ALMA ATÉ ALMEIDA!

#### D) O COLECCIONADOR

Correlativa da sua paixão de viajar é a outra — coleccionar.

Como fruto das suas andanças pelo mundo foi juntando tudo quanto para ele representava uma recordação, uma lembrança, ou uma saudade, próxima ou longínqua.

Essas peças espalhou-as por várias partes da sua cidade natal, mais visivelmente no enorme e valioso conjunto que se chama «Colecção Fer-

reira d'Almeida» considerado oficialmente como um museu independente, embora hoje esteja alojado no mesmo edifício que o Museu Arqueológico Infante D. Henrique.

A igreja do Carmo de Faro possui um quadro que foi oferta sua, de que me fala na sua carta de 13-IX-1957: «é espanhol, assinado... Coelho, sem me lembrar do nome. Foi levado para o Chile. Comprei-o em leilão, liquidação duma casa de família em Santiago por 400 pesos. No mesmo leilão me ofereceram 800. Tem 2<sup>m</sup> × 1,50<sup>m</sup> e como a moldura tem um florão, quando o trouxe para Lisboa (1930) não me cabia na minha sobre-loja! Decidi logo oferecê-lo ao Museu de Faro, mas o Mário Lyster Franco, juiz do Carmo, pediu-mo para a sua igreja. Por isso lá está».

Para ser colocado à vista do público, nos arcos da Santa Casa da Misericórdia, ofereceu um grande painel em bronze, com um baixo-relevo.

O Museu Antonino, o primeiro do género aparecido em Portugal, está cheio de ofertas suas, entre elas uma estátua, de madeira, de Santo António, do século XVII, que «durante muitos anos foi seu vizinho de quarto» e várias peças de Rafael Bordalo Pinheiro.

Mas, realmente, onde se aprecia em pleno o seu espírito de colecionador é na sua colecção de Arte.

Inaugurada em 24 de Março de 1944 com 614 peças, foi aumentada com mais entregas, que a fazem contar hoje 1 070 peças: 102 esculturas; 195 de cerâmica; 104 pinturas; 27 desenhos; 51 gravuras; 20 peças de mobiliário; 63 de ourivesaria; 49 de metais vários; 24 de vidraria; 12 de joalheria; 53 medalhas; 25 condecorações; 34 moedas, uma colecção de 36 caixinhas; outra de 183 cinzeiros; alguns marfins; livros preciosos; sinetes; fotografias; adereços; mapas antigos; lacas e charões; armas; diplomas; curiosidades; arte popular; e uma peça especial.

Não é tudo da mesma categoria artística e de grande valor monetário. Há a peça que realmente se aprecia como obra de Arte. Há «quatro delas, que, na opinião duma alta autoridade na matéria, davam para comprar o teatro Lethes, de Faro». Mas há outras que se devem ver sob outro aspecto, também interessante e humano — o de perpetuação da personalidade do Doador, a começar no seu gesto altruísta de a oferecer em vida e a acabar nas notas de patriotismo, de sensibilidade e até de ternura que em certas peças se surpreendem.

Quando o visitante não encontre a obra de Arte para admirar, encontra sempre ou a singela recordação da sua pátria, se é estrangeiro, (e ainda aqui Ferreira d'Almeida está exercendo diplomacia) ou a vibração momentânea do Doador em determinada data da sua vida e em determinado ponto do Globo, ele que podia dizer com Camões que deixou a vida «pelo mundo em pedaços repartida».

Efectivamente, estão representados nesta colecção, além de Portugal, trinta países, que enumero: Alemanha, com 30 peças; França, com 86; Espanha, com 31; Inglaterra, com 35; Índia, com 14; Rússia, com 6; Itália, com 58; Grécia, com 2; Arábia, com 2; Argentina, com 8; Dinamarca, com 98; Suíça, com 1; Chile, com 36; Colômbia, com 1; Bélgica, com 12; Brasil, com 10; Suécia, com 5; Jugoslávia, com 1; China, com 80; Uruguai, com 3; Estados Unidos da América do Norte, com 2; Holanda, com 53; Roménia, com 2; Coreia, com 2; Sião, com 1; e Cuba, com 1.

Há ainda 199 peças de nacionalidade não identificada.

Entre os bronzes, há um busto do Dr. Ferreira d'Almeida, tamanho natural, réplica do que está no seu monumento da Praça Alexandre Herkulano, que é da autoria de Rudolph Tegner, antigo Presidente da Real Sociedade das Belas Artes de Copenhague com um museu seu em Copenhague. Nele figura com mais uma centena de outros, o gesso do busto do nosso diplomata farense. Registe-se que este monumento de Faro é o único de Tegner existente fora da Dinamarca.

Também nesta colecção se encontra uma obra do Pintor Gauguin. É um desenho representando uma «Criança Dormindo». E essa criança não é qualquer. É nada menos que o filho do Pintor, Pierre, mais tarde escultor e de quem também a colecção possui um bronze — «Ébrio dançando».

Leal da Câmara prometera-lhe um quadro seu «para o Museu de Faro», não o de João de Deus, que lá há. Não lho deu por ter morrido. Mas a sua Viúva ofereceu-lhe o exemplar n.º 828 do livro de Aquilino Ribeiro «Leal da Câmara — Vida e Obra», «que irá para o Museu de Faro» — diz Ferreira d'Almeida no seu livro «Recordando» (pág. 140). Onde terá tal livro ido parar? Se alguém deparar com este tal exemplar n.º 829, saiba que o deve entregar à Colecção Ferreira d'Almeida, de Faro!

Retratos do Dr. Ferreira d'Almeida na sua Colecção são, pelo menos nove: um *lapis* de Columbano, infelizmente quase desvanecido; uma pintura de José Campas; uma fotografia com o Rei Cristiano da Dinamarca; uma sanguínea e um *lapis* de António Carneiro; um do dinamarquês

Scheller; outro de Vadarz; um *carvão* só com iniciais; e um *pastel* do especialista de tal género Matoso da Fonseca.

Uma magnífica colecção de pratas, em que há um pavão, oferecido pelas senhoras de Santiago do Chile, talvez não sem certa ironia, mas com evidentíssima afectuosidade demonstrada na dedicatória.

Outra colecção — agora de cinzeiros — em que há algumas *trouvailles*, como um que pertenceu a António Cândido, outro feito com pedra das Casas do Parlamento de Londres bombardeadas na Segunda Guerra Mundial, alguns com pensamentos ou provérbios e um só próprio para maiores de 18 anos, se o voltarmos ao contrário.

Há uma vitrina com as condecorações do Dr. Ferreira d'Almeida, acompanhadas quase todas dos respectivos diplomas: a célebre Cruz de Ferro da Alemanha; a da Real Ordem de Isabel a Católica; Medalha da Ordem do Mérito, do Chile; o Colar da Ordem de Santiago e algumas outras. O diploma mais antigo, assinado em 1906 por Afonso XIII nomeia-o Cavaleiro da Real y distinguida Ordem de Carlos III da Espanha. O mais recente é de 1933 e nomeia-o Grã Cruz da Ordem do Mérito do Chile.

Peças de loiça fina encontramos-las lá de Capodimonte, Copenhague (Plum) Zuloaga, Wedgwood, Manuel Mafra, etc. Além das de Cantão e China Azul, que enchem uma vitrine, e das da Companhia das Índias, que ocupam grande parte de outra.

Ferreira d'Almeida levou isto para Faro. Ao princípio grande entusiasmo. As peças foram expostas no salão nobre dos Paços do Concelho. Mas, em breve, com as constantes obras que na Câmara sempre tenho conhecido, tiveram de ser em parte encaixotadas. Alugaram uma casa para as expor. Por pouco tempo, porque a despesa do aluguer doía. Até que as alojaram condignamente na antiga sala do Tribunal Judicial, quando vagou. O Doador viu a Colecção lá instalada. E, ao vê-la, chorou de alegria. «— Tantas privações e despesas — disse a quem lha mostrava — a que me sujeitei para obter tudo isto, mas agora sinto-me satisfeito por verificar que os meus sacrifícios não foram em vão!».

Em 1966, um mês antes da sua morte, a Colecção foi-me confiada. Ferreira d'Almeida ainda o soube e rejubilou por ser um amigo que ficava a velar por aquela sua pupila.

Consegui guarnecer mais uma sala com peças que estavam guardadas. A visita à Colecção era um passeio com o Doador. A sua vida passava-nos

em filme através daqueles quadros, estatuetas, pratas, cerâmica e *bibelots*. Os estrangeiros sorriam perante as recordações dos seus respectivos países.

Mas a Câmara precisou das salas e tudo teve de ser desmontado. No Convento da Assunção, arranjei-lhe uma vasta sala onde coube quase tudo, porque o meu pensamento era dar aos visitantes a visão completa da vida e da personalidade do Doador.

A hora da minha partida chegou. Atrás de mim veio um critério museológico, que não reprovou, mas também não encareço, e passou a estar exposta só uma parte da Colecção.

Todavia ela é bastante para dizer às gentes, e de modo que ouçam os inúteis e os pretenciosos da minha terra, muitas vezes vaidosos de não ter vaidade, que existiu um FARENSE, o qual, seguindo a carreira diplomática, representou Portugal em vários países, onde teve um papel muito especial — *acreditar a jovem República Portuguesa junto de alguns deles, reticentes em aceitá-la, principalmente em monarquias em que ele foi o primeiro a receber cumprimentos de membros de famílias reais*; um fareense que tornou conhecido Portugal às elites e ao povo de nações que o desconheciam; um fareense que, por fim, dando à sua terra natal uma colecção de Arte quase universal, não só a enriqueceu, mas criou ainda nela um pólo de atracção e um elo de ligação com essas nações, que ali se vão achar respeitadas e acarinhadas.

Creio que tudo isto ficou demonstrado com as palavras singelas, sinceras e honestamente coligidas, por mim aqui apresentadas a esta respeitável assembleia.

## BIBLIOGRAFIA

Não deixarei de indicar as minhas *fontes* para os eruditos que o lerem e desejarem fazer os seus cotejos.

1 — Estrangeiros (Ministério dos Negócios) — *Processo do Diplomata Amadeu Ferreira d'Almeida Carvalho* — Reservado até ao 50.º aniversário da sua morte.

2 — Ferreira d'Almeida (Amadeu — Carvalho) — *Recordando. Memórias e Impressões* — Faro — 1963

3 — Imprensa Regional, principalmente «Correio do Sul» e «O Algarve».

4 — Pinheiro e Rosa (José António) — *Visita à Colecção «Ferreira d'Almeida»* — Separata dos «Anais do Município de Faro». 1970.

5 — Teixeira Gomes (Manuel) — *Cartas a Columbano e Correspondência* (Cartas a políticos e diplomatas).